

CRONOS, KAIRÓS, AIÓN: TEMPORALIDADES DE UMA VISITA DE MICHEL FOUCAULT A BELO HORIZONTE¹

CRONOS, KAIROS, AION: TEMPORALITIES OF A MICHEL FOUCAULT'S VISIT TO BELO HORIZONTE

Heliana de Barros Conde Rodrigues
Departamento de Psicologia da UERJ
Bolsista de Produtividade
em Pesquisa 2 do CNPq
Pós-Doutorado pela PUC-SP
helianaconde@uol.com.br

Adriana Maria Brandão Penzim
Departamento de Psicologia da
PUC Minas. Doutora em
Psicologia Social pela UERJ
apenzim@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho, que é parte da investigação *Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*, dedica-se a explorar, mediante a bibliografia existente (especialmente a biográfica), outras fontes escritas e entrevistas sob o paradigma da História Oral, as circunstâncias da visita do filósofo a Belo Horizonte, entre 29 e 31 de maio de 1973. Seu principal objetivo é estabelecer uma *audiografia* de Foucault entre nós, ou seja, tanto a ordem discursiva a que sua palavra se viu submetida quanto à desordem que, naquela, eventualmente imprimiu. Em

¹ Uma versão preliminar deste artigo, sob o título *Michel Foucault em Belo Horizonte, 1973: ditos e escritos intempestivos*, foi apresentada em mesa redonda do XXVIII Encontro Helena Antipoff, realizado na Faculdade de Educação da UFMG em março de 2010.

acréscimo, leva-se em conta que Foucault sempre enfatizou que a verdade, em lugar de estar à espera de nossa visada, possui geografia e cronologia próprias. São focalizadas as falas informais do filósofo na Aliança Francesa e a aula ministrada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH-UFMG), bem como as conferências proferidas na Clínica André Luís e na Casa de Saúde Santa Clara. Destaque especial é concedido às relações com a imprensa: a presença de Foucault se dá em tempos de ditadura militar e, à época, ele desenvolve uma análise crítica dessa atividade – seja da imprensa burguesa seja da alegadamente de esquerda –, ao mesmo tempo que vê na filosofia uma forma de jornalismo radical. Cumpre acrescentar que o recurso à oralidade – entrevistas realizadas com alguns daqueles que conviveram com o filósofo em 1973 – tem por intuito explorar lembranças acerca do personagem-Foucault e de suas idéias, em busca tanto de instituídos (memoráveis e comemoráveis) quanto de narrativas intempestivas que aportem novas linhas de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault, Belo Horizonte, História Oral, imprensa, memórias, temporalidades.

São ainda raras as pesquisas sobre as visitas de Michel Foucault a nosso país, ocorridas nos anos de 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976. O presente trabalho é parte de uma investigação intitulada *Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*², e aprecia, mediante a bibliografia disponível (em especial, a biográfica), outras fontes escritas – notadamente jornais e revistas da época –, bem como entrevistas sob o paradigma da História Oral, as circunstâncias associadas à passagem do filósofo por Belo Horizonte, entre 29 e 31 de maio de 1973.

Entre outros objetivos, pretende-se constituir uma *audiografia* (ARTIÈRES, 2007) da presença de Foucault entre nós, ou seja, explorar tanto a ordem discursiva a que sua palavra se viu submetida quanto a intempestiva desordem que esta palavra naquela ordem eventualmente imprimiu. Nesse sentido, leva-se

² Financiamento: FAPERJ e CNPq.

particularmente em conta o fato de Foucault ter sempre enfatizado que a verdade, em lugar de estar placidamente à espera de nossa visada, possui geografia e cronologia próprias, merecedoras de análises singulares (FOUCAULT, 1979).

Tomando por mote o título *Ditos e Escritos* sob o qual Defert e Ewald (1994) reuniram a quase totalidade da produção foucaultiana extra-livresca, apresentaremos primeiramente os registros em papel e tinta de que dispomos sobre as vicissitudes da estada do filósofo em Belo Horizonte. Em seguida, mediante entrevistas realizadas com alguns daqueles que com ele conviveram, a oralidade virá à cena.

Essa conjugação entre escritura e oralidade decerto implicará estilos narrativos diversos. Não pretendemos apagar tais diferenças, pois, para nós, o escrito e o oral – inclusive quando arduamente transformado, este último, em escrito – podem (e devem) dialogar (nem sempre harmonicamente), sem, por isso, perder suas respectivas singularidades (PORTELLI, 1997).

Escritos

Os promotores das vindas de Foucault ao Brasil eventualmente se queixam das biografias. Assim é que Célio Garcia, quando a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) promove, em 1991, o curso “Michel Foucault – razão e desrazão”, reclama da parcimônia (e discreta desqualificação?) presente no relato de Eribon (1990). Pois o biógrafo francês, depois de mencionar algumas das passagens de Foucault pelo Brasil – São Paulo (1965) e Rio de Janeiro (1973)³ –, simplesmente adenda, em continuidade à temporada do filósofo na capital carioca: “Viajou pelo interior, até Belo Horizonte” (ERIBON, 1990, p. 288). Célio deposita esperanças em nova produção biográfica, à época em preparação: “Uma nova biografia de Foucault está sendo realizada graças ao trabalho de David Macey. Este pesquisador tem estado em contato conosco através de cartas, além de entrevistas, como foi o caso recentemente em Paris” (GARCIA, 1992, p. 53).

³ Sobre esses dois momentos, pode-se consultar Rodrigues, 2010 e Rodrigues, 2011.

Quando o trabalho de Macey (1993) for publicado, efetivamente dirá um pouco mais acerca da presença de Foucault em terras mineiras:

A missão⁴ de Foucault levou-o ao norte para sua única visita a Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais e terceira maior cidade do Brasil. Passou apenas três dias na cidade, mas fez falas informais na Aliança Francesa e para o departamento de Filosofia da Universidade Federal, e conferências sobre ‘Doença Mental e Instituições Psiquiátricas’ e ‘Instituições Psiquiátricas e antipsiquiatria’. No Rio, a audiência fora primordialmente filosófica; em Belo Horizonte, Foucault falou principalmente a psiquiatras e psicanalistas. As conferências foram uma denúncia do poder/saber exercido pelos profissionais de saúde mental através de seus diagnósticos, prescrições e normalização do comportamento, e uma exploração das alternativas oferecidas pela antipsiquiatria (p. 326).

Não obstante “BH” fosse a terceira maior cidade brasileira, parece que Foucault e aspectos seja modernizantes, seja (principalmente) tradicionais da capital de Minas Gerais entraram em choque. Ainda de acordo com Macey (1993), a publicidade excessiva incomoda o filósofo e, na Aliança Francesa, ele interrompe seu pronunciamento para reclamar dos *flashes* dos fotógrafos, que “se tornam uma forma de tortura” (p. 327). A reportagem do *Estado de Minas*, publicada em 30 de maio – “Foucault, o filósofo, está falando. Pense” –, contudo, não contém essa palavra interdita. Tampouco “O mundo é um grande hospício”, editado no mesmo jornal em 31 de maio, menciona desavenças com os repórteres, embora contenha uma no mínimo curiosa descrição: “Magro, cabeça raspada, olhos vivos e dois dentes de ouro no canto da boca, ele [Foucault] prova que ninguém precisa falar com erudição para demonstrar conhecimento” (p. 6). Somente quando matéria sob o mesmo título⁵ for publicada, mais tardiamente (16/06/1973), na revista carioca *Manchete*, Ricardo Gomes Leite, jornalista responsável e apenas então identificado,

⁴ A visita de Foucault consistia em uma “missão” ligada à cooperação internacional firmada com o Serviço Cultural da Embaixada da França, cujas bases foram criadas por Célio Garcia. O convênio estendeu-se de 1967 a 1975, beneficiando as áreas de Psicologia e Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Promovia, a cada ano, a ida de um bolsista brasileiro à França, em estudos de pós-graduação, e a vinda ao Brasil de um professor francês. Além de Foucault, esses professores foram Max Pagès, André Lévy, Roger Lambert, Georges Lapassade e Pierre Fédida.

⁵ Nossas citações da reportagem de *Manchete* foram extraídas da transcrição publicada na revista *Extensão*. Cumpramos assinalar que as duas versões de “O mundo é um grande hospício” – a do *Estado de Minas* e a de *Manchete* – não são idênticas, embora contenham trechos semelhantes. Somente a segunda está traduzida para o francês em *Dits et Écrits* (FOUCAULT, 1994).

falará de alguém “cheio de tiques nervosos”, “pouco à vontade e roendo constantemente as unhas”, que “interrompe sua explicação para atender os fotógrafos que, com seus flashes, o incomodam, a ponto de levá-lo a referir-se à forte iluminação como uma ‘pequena tortura’” (FOUCAULT, 1992a, p. 89). Isso não impede que Foucault, ainda de acordo com o último texto, considere-se, também ele, um jornalista, dizendo:

O que me interessa é a atualidade, o que se passa em nosso redor, o que somos, o que acontece no mundo. [...] Se nós quisermos ser mestres de nosso futuro, devemos colocar fundamentalmente a questão do hoje. Por isso, para mim, a filosofia é uma espécie de jornalismo radical (FOUCAULT, 1992a, p. 90).

As funções sociais que Foucault foi forçado a desempenhar em Belo Horizonte tampouco teriam dele recebido tranquila acolhida: “Uma recepção na casa de Consuelo Albergaria o apresentou a muitos dos acadêmicos da cidade, mas isso foi algo semelhante a uma provação, em que deveria ser polido com ‘mulheres em longos trajés de noite’⁶” – destaca Macey (1993, p. 327). Não se duvida do biógrafo ao consultar “Notas de um repórter”, do colunista social Wilson Frade, publicadas em 31 de maio:

Foi dos mais simpáticos o coquetel que o Sr. e a Sra. Jacy Vieira do Prado ofereceram anteontem ao filósofo francês Michel Foucault. Foi um encontro que reuniu professores, intelectuais, gente da sociedade que se entrosaram num papo que foi até às três, ao som do violão de Karim e da voz de Francisco Goulart, que no final, reuniu todos numa serenata.[...] Um tanto calado, Michel que já foi da escola estruturalista e hoje pode-se dizer que pesquisa a mente humana, está em Belo Horizonte para uma série de conferências e palestras, ciceroneado por Célio Garcia e Ruy Flores. Um de seus livros principais é "As Palavras e as Coisas", considerado uma arqueologia das ciências. [...] Após exibição de um áudio visual do professor Moacyr Laterza mostrando um estudo sobre um quadro de Velasquez com texto do homenageado, foi servido um vol-au-vent aos convidados, que entre outros foram o sr. e sra. Antônio Joaquim de Almeida, sr. e sra. Ivon Castaings, sr. e sra. Antônio Sabino, sra. Teresinha do Prado Valadares, sr. e sra. Moacyr Laterza, sr. e sra. Renan Alvim, sr. e sra. José de Anchieta Correa, sr. e sra. Guilherme Bretas de Carvalho, sr. e sra. Celso Leão, sr. e

⁶ Segundo Macey (1993), a parte da frase em destaque lhe foi transmitida por Daniel Defert, que teria sido companheiro não-oficial da “missão” de Foucault em Belo Horizonte.

sra. Geraldo Soares Albergaria Filho, Geraldo Magalhães, Cláudio Cade, Angelo Oswaldo, José Mário Fontana, sr. e sra. Francis Uteza (FRADE, 1973, p. 3).

Nem tudo se resume⁷, porém, a esse amontoado de *faits divers* (ou fofocas, como diríamos em bom português)⁸, ao qual Macey (1993, p. 327) adiciona o gosto que Foucault teria adquirido pela caipirinha. Na Clínica André Luís, em 30 de maio, à noite, uma multidão aguardava o filósofo: a conferência, supunha-se, versaria sobre *História da Loucura*. Mais uma vez há enfrentamento com os repórteres: “*Pas de micro[...] pas de conférence de presse[...]* estou aqui para um seminário de trabalho” – assim evoca o professor José de Anchieta Corrêa (2004, p. 9) a reação de Foucault ao chegar ao hospital. Acrescenta que, contrariado, este esboça um gesto muito típico – cobre a cabeça com as mãos – e pede “*un rémotant*”, algo que lhe refaça as energias. A seguir, a surpresa:

Passados alguns momentos, postura recomposta, senhor de si [...], Foucault se dirige ao auditório, recusa assumir o lugar que lhe fora destinado à mesa diretora dos trabalhos, vai se assentar como muitos outros no chão do recinto. E, ao invés de proferir uma conferência, convida a todos a formular perguntas ou a comunicar suas experiências. (CORRÊA, 2004, p. 10).

Emergem então as primeiras indagações, que versam sobre trechos de *História da Loucura*⁹. Foucault diz “não”, pois aspira a criar um dispositivo que ponha em marcha uma análise do presente: “Não quer discorrer sobre o que já se encontra

⁷ A recepção na casa de Consuelo Albergaria obteve, por parte do *Estado de Minas*, tanto destaque quanto as conferências de Foucault, tendo sido noticiada já em 27 de maio (coluna “Gente, livros e bichos”). Na edição de 24 de maio (coluna “Tome Nota – Editoria da Cidade”), reporta-se palestra da professora Ana Maria Veloso sobre estruturalismo, a ser realizada na Aliança Francesa, seguindo-se a observação: “a palestra é de atualidade, no momento exato em que Michel Foucault se anuncia em Belo Horizonte”. Em 25 de maio, a palestra no Hospital Santa Clara, cujo tema é apresentado como “Loucura”, é divulgada tanto na coluna “Tome Nota – Editoria da Cidade” quanto por Wilson Frade, em “Notas de um repórter”.

⁸ Tratando-se de Foucault, os *faits divers* (ou as fofocas) nem sempre devem ser descartados. Eribon (1996) apresenta uma consistente discussão sobre a obra foucaultiana na qualidade de “fragmentos de autobiografia”: o enfrentamento, por mais que banal e cotidiano, com instituições de todo o tipo (sexual, familiar, midiático, universitário, de saúde etc.) é, segundo ele, indispensável a Foucault para o abalo do presente que faculta desnaturalizá-lo/genealogizá-lo (p. 40-44).

⁹ A primeira edição de *História da Loucura*, em português, pela Editora Perspectiva, data de 1978. O acesso ao texto, afora o original em francês, era possível através da edição em espanhol, pela Fondo de Cultura Económica (FCE), publicada em 1967. Em 1973, dentre os livros de Foucault, somente estavam traduzidos para o português *Doença mental e psicologia* (Tempo Brasileiro, 1968) e *A arqueologia do saber* (Vozes/Centro do Livro Brasileiro, 1971).

escrito em seu livro. [...] Queria, como propusera, escutar, conhecer e pôr na roda as experiências dos presentes” (CORRÊA, 2004, p. 10).

Após algum silêncio, as perguntas se transmutam em relatos-perguntas, por mais que tímidos. As réplicas de Foucault são curtas, cortantes, deslocando a questão quando esta naturaliza o que quer que seja. Acerca daquilo que o raciocínio instituído chamaria de “situação política do país”, ele, que vem de embates recentes com a polícia francesa, nada diz.

Na imprensa belorizontina, essas estratégias foucaultianas para alterar o dispositivo-conferência foram noticiadas em tom bem diverso do adotado por Anchieta Corrêa, ou melhor, foram descritas de modo indisfarçadamente crítico, além de revelarem um quase total desconhecimento do percurso teórico e político do filósofo. Em 31/5, à página 9, o *Diário de Minas*, sob a chamada “Foucault, estudo de loucura”, assim registra o acontecido:

Autor de vários livros sobre doença mental e defensor do movimento antipsiquiatria, o professor e historiador francês Michel Foucault está na cidade e ontem, no Hospital André Luiz, participou de um ciclo de três debates com universitários, psicanalistas e psiquiatras abordando o tema “Estudos sobre a Loucura”. Antes, Foucault fez o público mudar de auditório duas vezes, alegando sempre que estava faltando condições para debates. Deixou o auditório no andar superior do prédio para ocupar uma dependência menor e sem conforto. Depois, sentou-se no chão (foto¹⁰) – cruzando as pernas, numa pose de Yoga. Deixou os estudantes falar primeiro sobre o que entendiam de loucura e, através de intérprete, psiquiatra Célio Garcia¹¹, mostrou sua opinião sobre a doença, mas sem abordar métodos de cura.

Novo compromisso de trabalho leva Foucault, na tarde de 31 de maio, à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), espaço acerca do qual cumpre evocar, nas palavras de Arreguy (2005), certa experiência dos anos 1970:

[...] *ser foficheiro* [...] compreendia uma série de vivências que incluíam – até mesmo – aulas, mas principalmente um convívio extraclasse nos corredores, murinho, cantinas, auditórios, na rampa, no saguão e na infinidade de espaços que circundavam o prédio de oito andares da

¹⁰ A foto publicada junto ao texto da matéria, que mostra Foucault sentado no chão, entre os presentes, pode ser vista em Passos e Belo, 2004, p. 4.

¹¹ Célio Garcia não é psiquiatra. Aparentemente, para certa imprensa, o autor de um livro chamado *História da Loucura* só poderia estar acompanhado de especialistas em doença mental.

rua Carangola, 288, no Santo Antônio, bairro da Zona Sul de Belo Horizonte, e o Coleginho¹², junto ao grande edifício, com seus estacionamentos, quadras e anexos” (p. 9).

Foucault, neste caso, não devém fuficheiro – não se senta no murinho nem interpela alunos no saguão. Acata, conforme previsto, o encontro com um grupo de filósofos e estudantes que cultua predominantemente os “3 H” – epíteto que sintetiza o prestígio, na França do pós-guerra, de Hegel, Husserl e Heidegger (DESCOMBES, 1979) –, embora já tivesse algum contato com a obra de Merleau-Ponty, através do ensino de José de Anchieta Corrêa. Este último, ao focalizar a exposição feita por Foucault, esforça-se, de início, por trazer à luz o experienciado à época: “A modo de Sade e Nietzsche, o que se ouvia parecia mais falar ‘mal dos homens’. A ideia de homem, como um ‘rosto inscrito na areia da praia’, parecia ali se desfazer”. Em seguida, talvez a perspectiva do hoje tome a dianteira: “[...] por essa via, uma verdadeira paixão pela vida, pela produção da verdade era o ponto forte da lição”. Nova oscilação no tempo o leva em seguida a reconhecer: “[...] para muitos tratava-se, naquela época, apenas de uma nova moda – o discurso estruturalista”. Nesta mesma direção, aflora a lembrança de um incômodo singular: “Eu, que naquele tempo em minhas aulas me ocupava a transmitir os ensinamentos de Merleau-Ponty, nomeadamente fenomenólogo, estava diante do auditório emprestando minha voz, por ser então um dos tradutores de Foucault, e sentia-me, então, em particular, questionado” (CORRÊA, 2004, p.11).

Ainda no dizer de Corrêa (2004), da plateia alunos o olham, irônicos, por verem seu professor ser forçado a repetir críticas à fenomenologia. Em tais circunstâncias, resolve perguntar a Foucault o que este pensa de Merleau-Ponty, e dele recebe uma “resposta concisa e redonda”: “[...] é um poço do qual tiro muitas de minhas águas”. Ao comentar tal réplica, Corrêa se entusiasma, novamente com os olhos no presente: “Malditos, os filósofos que se tornam especialistas em determinada corrente ou autor, congelam a indagação filosófica, essa pergunta que jamais se cala, se convertendo nos maiores traidores da aventura da razão humana” (idem, p.12).

Na mesma data, à noite, Foucault deveria pronunciar ainda outra conferência, no Hospital Santa Clara. Quando chega, o diretor o convida a visitar as enfermarias

¹² Prédio onde funcionara anteriormente o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia.

e ele regressa visivelmente transtornado: recusa-se a falar, por mais que a tanto o convidem o adido cultural da França e os participantes da mesa (José de Anchieta Corrêa, Célio Garcia e César Rodrigues Campos). Nessa situação paradoxal, os três se põem a discorrer sobre a importância da obra do conferencista silencioso, até que este, aparentemente refeito, vem juntar-se ao grupo. Segundo Corrêa (2004), Foucault então,

de improviso, pronuncia uma das mais belas e comoventes leituras acerca desse 'outro espaço', dessa 'outra fala', a loucura. Nela, [...] se antecipava muito do que, depois em 1964, seria publicado em *A loucura, ausência de obra*. Era, então, o mesmo mestre que não separava sensibilidade e razão, que filosofava não apenas nos limites da mente, imerso no misterioso universo do corpo-vivo à escuta das vibrações da carne (p. 13).

Neste ponto, atropelam-se memórias, escritos, temporalidades. Que Corrêa fale dessa leitura como se Foucault fosse Merleau-Ponty, em nada nos incomoda ("Malditos os especialistas!", concordamos). Mas algo de intrigante percorre a narrativa, pois Corrêa atribui a tal leitura (datada de 1973) a antecipação (?!) de algo que situa (e corretamente) em 1964¹³. Não pretendemos duvidar das lembranças de José de Anchieta Corrêa, por sinal nosso fio condutor até o momento. Vale dizer, todavia, que o professor Moacyr Laterza, que gravara a fala de Foucault no Hospital Santa Clara, preservou a fita e a levou, em agosto de 1990, à PUC-MG. A gravação foi transcrita, traduzida por Virgínia Mata Machado, e uma cópia encaminhada ao Centro Michel Foucault, em Paris, por intermédio de Oscar Cirino. Em 1992, tanto a versão em francês (FOUCAULT, 1992b) quanto a tradução (FOUCAULT, 1992c) foram publicadas em *Extensão*, periódico da pró-reitoria da PUC-MG. Lendo-as, hoje, pode-se concordar que se voltem a "um outro espaço", a "uma outra fala", a loucura – talvez Foucault, aliás, jamais deixe de a eles se dirigir. Porém a remissão ao texto de 1964 (*A loucura, ausência de obra*), por mais que invertamos a cronologia – admitindo, em lugar de uma antecipação, uma reativação –, inevitavelmente surpreende. Aqui, memória (escrita-publicada) e documento (gravado-transcrito-traduzido) entram em conflito. Porque, a nosso ver, a palestra no Hospital Santa Clara se assemelharia, se fosse o caso de uma comparação, a falas

¹³ Foucault, Michel. La folie, l'absence d'oeuvre. *La Table Ronde*, n. 196 – Situation de la Psychiatrie, mai 1964, p. 11-21.

e textos bem outros: intervenção no Colóquio “Será preciso internar os psiquiatras?”, organizado por H. Ellenberger em Montreal, em 9/5/1973¹⁴; resumo do curso “O poder psiquiátrico”, ministrado em 1974 no Collège de France (FOUCAULT, 2006); artigo *A casa dos loucos*, originalmente publicado em 1975 (FOUCAULT, 1979a)¹⁵.

Antes de deixar Minas Gerais, Foucault visitou, nos dias 1 e 2 de junho, as cidades históricas. Realizou depois “longo périplo pela Amazônia, de Manaus a Belém, cidade da qual guardou grande saudade” – assevera Daniel Defert (2002, p. 42) na “Cronologia” da vida e obra de Foucault que precede *Dits et Écrits*. Se não cabe julgar, à maneira de um vetusto historiador positivista, a fidelidade das recordações relativas a uma palestra, tão ou mais impróprio seria, decerto, assegurar as saudades de alguém unicamente porque registradas, em minúcias, por escrito.

Nessa linha, parece pertinente acrescentar que, em 7/6/1973, o *Estado de Minas* publicou, sob a chamada “Foucault, um contestador”, página inteira sobre o filósofo. O *lead*¹⁶ da matéria, situado no alto, à esquerda – sem indicação de jornalista responsável –, começa enfatizando desencontros:

Apesar da expectativa que cercava a vinda de M. Foucault a Belo Horizonte e, sobretudo, do interesse que seu pensamento desperta entre nossos “acadêmicos”, parece que M. Foucault não estava em absoluto disposto a aparecer como “o autor”. Na sua intenção de dialogar, ao nível prático do intercâmbio de suas vivências com as nossas (a libertação do pensamento dialético se daria, segundo ele, através, não de um outro pensamento, de uma nova teoria, mas de uma tarefa cotidiana), M. Foucault, em seus contatos com estudantes e professores, foi várias vezes mal compreendido e várias vezes compreendeu mal.

¹⁴ As atas desse colóquio não foram publicadas. A conferência de Foucault, intitulada “Histoire de la folie et antipsychiatrie”, que permanecia inédita, foi recentemente editada nos *Cahiers de L’Herne*. Ver Foucault, 2011.

¹⁵ Artigo cedido por Foucault a Franco e Franca Basaglia para a coletânea *Crimini di pace*, publicada em 1975 com o objetivo de angariar fundos para o movimento da Psiquiatria Democrática italiana.

¹⁶ No jornalismo, *lead* é o trecho introdutório de uma notícia, geralmente em destaque. A palavra vem do verbo *to lead*, que pode ser traduzido como “conduzir, guiar”, e também como “persuadir, induzir”. A presença desse modelo norte-americano na imprensa brasileira intensificou-se durante os anos da ditadura militar, a ponto de alguns autores falarem em uma “ditadura do lead”. Seria interessante compará-lo com outros ordenadores voltados a controlar as dimensões de acontecimento e acaso dos discursos, como o comentário, o autor, as disciplinas (Foucault, 1996 – tradução da aula inaugural no Collège de France, 2/12/1970) e, principalmente, o prefácio. Quanto a este último, o (curto) prefácio redigido por Foucault para a segunda edição (1972) de *História da Loucura* o considera uma “declaração da tirania: minha intenção deverá ser seu preceito” (Foucault, 1978, p.VIII).

Esse tom, de início comedido, logo sofre uma inflexão, e a presença de Foucault na cidade torna-se alvo de um feroz julgamento, mal disfarçado pela tentativa de fazer humor:

De pti em pti (pti, na gíria psiquiátrica, quer dizer xilique), M. Foucault surpreendeu a todos com uma curiosa dialética: falando de prática para os teóricos da Faculdade de Filosofia, e de teoria para os práticos psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, psicoterapeutas e alguns psicopatas. Agressividade calculada nas palavras e nos trejeitos (defensivos ou ofensivos?), com que não raro se dirigia às nossas plateias supostamente subdesenvolvidas, o professor do Collège de France conseguiu desenvolver uma estranha e sinistra dinâmica de grupo tanto no Hospital Espirita André Luís quanto no Santa Clara e na Faculdade de Filosofia.

No mínimo paradoxal soa tal chamada, visto que acompanhada, no restante da página, por pequenos artigos e/ou resenhas, invariavelmente analíticos, porém elogiosos, redigidos justamente por “acadêmicos” muito próximos de Foucault durante sua estada em BH: "A mensagem e o código" (Célio Garcia), "O homem e sua obra" (José de Anchieta Correa), "As palavras sem as coisas" (Moacyr Laterza) e "De um quadro de Velásquez" (Sônia Viegas de Andrade). Ou mesmo, arriscamos, tal chamada soa paradoxal ao extremo, já que, num espaço em destaque na página, sob o título "Um repto aos médicos", são transcritas as últimas palavras de Foucault no debate que se seguiu à palestra no Hospital Santa Clara¹⁷. Parcialmente reproduzidas a seguir, vale a pena confrontá-las com as do *lead* da página e, eventualmente, diagnosticar (no sentido nietzscheano) o que éramos (e/ou ainda hoje somos?):

Vocês escutaram, com muita paciência, uma exposição histórica, onde se tentou explicar-lhes – e, evidentemente, nossa explicação é apenas um ponto de vista – o que significa, na história da psiquiatria, o nascimento da anti-psiquiatria. Limitei-me a descrever, a falar sobre o que então aconteceu [...]. Mal havia terminado minha exposição, eis que escuto vocês dizerem: “O prof. Foucault afirmou que a loucura [...]”, “o prof. Foucault pensa que [...]” etc. Entretanto, eu nada fiz a não ser descrever o que os outros fizeram e disseram. [...] Como pode uma história, a sua história, o que lhes aconteceu no passado, causar em vocês um tão grande medo? [...] Vocês têm medo de sua própria história. E tal se deve, talvez, ao fato de

¹⁷ Tais palavras não constam das transcrições da palestra publicadas em *Extensão*, oportunamente citadas, pois estas não incluem o debate de Foucault com a audiência.

que ainda não se libertaram dela [...]. Na verdade, sou injusto quando digo vocês. Porque somos nós, todos nós, que trememos diante desse processo ao qual estamos todos presos, e do qual vocês são apenas os nossos delegados [...]. Encontramo-nos, juntos, nesta sala. [...] Olhem o que se nos depara, ao fundo: uma gaiola de pássaros. Agora, à nossa frente: pessoas que vieram até aqui escutar-nos enquanto tranquilamente discutíamos sobre a loucura. Nós, com nossa curiosidade e nossa ignorância. Vocês com o seu saber e o seu poder. Para chegar até esta sala, passamos por fisionomias encarceradas que nos olhavam. E foi isto que nos amedrontou.

Trata-se de um momento oportuno, certamente, para passarmos aos “ditos” sobre a presença de Foucault em Belo Horizonte.

Ditos

Correndo atrás de memórias alheias, encontramos uma história multifaces, reinventada, ou bem ficcionada, engendrada em narrativas regadas de alegria. Vale dizer, com Deleuze (2003), que a alegria atualiza potências; portanto, transforma a existência. Não se trata meramente de um sentir-se alegre, mas de um movimento que a alegria provoca para além dessa ocorrência. Quiçá, ao recordar, os depoentes descubram: foi assim que se passou, exatamente assim! (HANDKE, 1994). Mas isso se lhes vem em variações, em reconfigurações do havido.

Se nos escritos parece haver um *cronos*, uma linha ordenada de aconteceres, nos ditos, nas histórias fabuladas e recompostas das entrevistas, nos muitos modos de contar, na multiplicidade de memórias fragmentadas que acabam por atualizar a experiência, o acontecimento “Foucault em Belô” amplia-se, confunde-se, aponta distintas direções.

Régis – apelido do psicólogo clínico Reginaldo Teixeira Coelho –, estudante de Psicologia na FAFICH em 1973, um daqueles que “sentavam no murinho”, como ele mesmo diz, discorre em crescente arrebatamento sobre o encontro com Foucault. Numa temporalidade em que a datação não é o fator prevalente, diz que esteve com ele “*mais no final do ano, outubro, não sei [...]*”. Tal encontro devém, em suas recordações, mais longo, extenso e próximo do que a temporalidade apontada nos registros escritos: “*Ficamos acho que um mês fazendo curso com Foucault [...] e*

teve as aulas, às nossas aulas, ele foi!”. A memória emerge criada na composição entre o lembrado, o desejado e o vivido: *“era tão devastante o desmascaro da relação de poder sobre a doença mental e sobre a institucionalização da loucura, fazer da loucura uma instituição [...], a gente nem tinha muita coisa para perguntar. O que ele falava já desmontava tudo, a força de um pensamento como o dele era tão elucidativa, tão clara [...], era tudo muito impressionante! [...] O que ele relatava que acontecia nos hospitais [...] na França em 1870, 1890, estava acontecendo aqui do mesmo jeito”*.

A temporalidade insubmissa composta pelo entrevistado parece derivar do encontro com Foucault, ao invés de circunscrever esse encontro em um momento determinado do calendário instituído, com suas rígidas sucessões. Vejamos mais uma narrativa de Régis quanto a tal aspecto: *“[...] outra coisa que teve muita repercussão é que nesta época discutíamos muito naquelas palestras aquele filme ‘Um Estranho no Ninho’, um filme que chocou todo mundo, mostrando como no sistema psiquiátrico em um país do primeiro mundo era tratado o paciente mental [...]. O filme era muito citado, denunciando na mídia a loucura”*. Ora, o filme mencionado foi lançado nos Estados Unidos em 1975 – dois anos depois da ida de Foucault a BH, portanto.

Essa miscelânea expansão/conjugação de conteúdos e temporalidades ocorre, como anteriormente apontamos, também no texto publicado do professor José de Anchieta Corrêa. Questionado, na entrevista, sobre o que afirmara sobre *A loucura, ausência de obra*, somente quando se lhe aponta, em seu próprio escrito, a contradição, ele, muito surpreso, dela se dá conta. Diz então de *“uma maravilhosa memória viva, que não é a memória impressa, é a memória que está trabalhando em mim [...] Sempre que estou lendo Foucault, a presença dele real, a presença dele aqui, faz efeito”*.

É ainda mais sugestivo observar que, também para Régis, ficou de Foucault sobretudo a asserção *“loucura é ausência de obra”* – ele a relembra, retoma, repete [...] Por vários minutos, discorre sobre como, a partir de então e para sempre, ela marcou seu modo de ser e de pensar a existência.

Já o filósofo Marco Contigli, estudante de psicologia em 1973, diz que *“seguiu Foucault em todos os lugares onde ele fez conferências”*. Ressalta que, no encontro da FAFICH, o domínio do idioma proporcionou-lhe *“argumentar com Foucault em*

francês, diretamente”, “uma discussão breve”. E prossegue: “Foucault tinha naquela época uma posição estruturalista que implicava posições filosóficas contrárias a um pensamento dialético. Eu sustentava um posicionamento dialético e Foucault rebateu com um certo nervosismo e tentou encerrar o assunto de forma mais peremptória para sustentar sua posição estrutural de corte epistemológico, tendo dito da seguinte forma, que eu tive o cuidado de anotar: ‘todo este processo histórico se abre para a dispersão das diferenças’. Ele não era muito paciente para o diálogo. José de Anchieta e Célio Garcia diziam: ‘cuidado Marco, vai devagar!’” (risos).

Reaparece, nas palavras do entrevistado, o tema das teorias, em relação ao qual a memória de Marco Contigli é a de um Foucault intransigentemente “estruturalista” e pouco aberto ao debate – debate este, vale destacar, que não parece ser tão indispensável no caso da adoção, por quem o emite, de uma postura dialética¹⁸.

Fora do texto¹⁹ e da cátedra, contudo, encontramos, nos relatos, um Foucault sensível e amistoso, que não se restringiu ao programa acertado com a Embaixada da França. Um Foucault que, após pequeno desentendimento que resultara em certa aspereza para com o professor que o acompanhava, liga bem cedo para José de Anchieta Corrêa e o convida para tomarem juntos o café da manhã. No encontro matinal no restaurante do Hotel Normandy, onde o visitante estava hospedado, conversam sobre a vida acadêmica de um e outro. Ao saber dos vínculos filosóficos

¹⁸ Os impasses que cercaram a penetração do pensamento de Foucault no Brasil, durante as décadas de 1970 e 1980, em função do predomínio, entre nós, da dialética marxista, são analisados por Rago, 1995. Acrescente-se que o filósofo jamais se declarou anti-marxista, embora rejeitasse a “comunistologia”. Sobre o tema, consultar Foucault, 1979b e Foucault, 1979c.

¹⁹ Para Lourau (1993), o registro do *hors-textuel* (“fora do texto”) contraria o pensamento prevalente, ao dizer daquilo que foge ao que, por suposto, seria o cerne da pesquisa – caso seja esta tomada numa perspectiva de pensamento dual que aponta certezas, define *a priori* o que interessa ou não, supõe uma garantia de verdade a ser alcançada por meio da definição de regras de procedimento. Ora, é justamente a exposição do geralmente não registrado o que pode facultar algum acesso às condições de produção da reflexão. E se nas narrativas orais encontramos o *fora do texto*, também nos escritos um “fora da página” nos surpreende ao apontar a temporalidade paradoxal dos acontecimentos. A cuidadosa maneira como a Coleção Estado de Minas (Biblioteca Pública Estadual Luis de Bessa) encontra-se encadernada justapõe, no grande volume aberto sobre a mesa, a matéria dedicada a Foucault e a primeira página da edição do dia seguinte, onde a manchete principal anuncia o julgamento de um grupo de 32 padres “subversivos” que, enquadrados na Lei de Segurança Nacional, após longo processo são “absolvidos pela justiça militar”. De um lado Foucault, de outro a perseguição àqueles que se opunham ao regime ditatorial. Algo mais, entretanto, sobressai à pesquisadora que frequenta o arquivo: na foto que ilustra a matéria, sentado no banco dos réus, ainda jovem, um grande amigo hoje já falecido. Sereno e digno, o olhar voltado para a esquerda; bem ali onde na simultaneidade de um instante está a foto de Michel Foucault.

de Anchieta Corrêa, Foucault discorre sobre seus próprios professores, destacando Merleau-Ponty e Canguilhem. *“Não tinha transbordamento de afetividade, era uma relação de reconhecimento, ele não me chamou burocraticamente”*, diz o professor brasileiro, com expressão muito suave.

Ainda de acordo com as narrativas dos entrevistados, Foucault andou pela cidade, conheceu pessoas. Tanto Régis quanto Anchieta Corrêa referem-se à seriedade com que cumpria, cuidadosa e pontualmente, a programação oficial; mas ambos falam igualmente de alguém que estabeleceu amizades, que saía e se divertia, e que conviveu animadamente com os “faficheiros”. *“Fomos a muitos lugares, à Casa dos Contos, ao Maleta, passeios, jantares em casas de amigos [...]”*, conta Régis. E rememora, animado, que *“ele [Foucault] era uma pessoa muito excêntrica; tinha os horários dele, as coisas dele, mas também era muito doido [...] Saía com a gente pra jantar, tomou muita caipirinha, teve transa com um amigo nosso, que foi uma coisa muito bacana [...]”*.

Foucault esteve em Belo Horizonte em plena ditadura, na companhia de professores visados por suas posições contrárias ao regime. Como era possível, em meio a controles tão cerrados, criar-se o “dispositivo Foucault” (expressão usada por Anchieta Corrêa)? *“Eu acho que eles não sabiam [...] era um intelectual francês! [...] A consciência que eles tinham do que era um intelectual, de quem era um subversivo, era abaixo do medíocre!”*, afirma o professor. E adiciona: *“Foucault tinha todo aquele respeito, renome, era reconhecido. Eles não dariam conta, acho que eles perderiam a briga!”*. Vale a pena acompanhar um pouco mais esse relato, que fala de movimentos de desterritorialização (GUATTARI, 1986) em um momento oportuno – movimentos que, intransigentes, se prolongam: *“Foucault era um desvio de rota [...] naquele momento muito interessante porque todo mundo estava saindo de uma experiência de controle e não sabia como andar”. [...] “Foucault é uma válvula que se abre para escutar outra coisa, mas isso aparece só entre conversas [...] ele fornecia, claramente, outras ferramentas, outros conceitos para operar a realidade. [...] Quantos professores passaram por aqui, mas Foucault continuou nas discussões e na vida do Departamento [de Filosofia]. As pessoas o reconheceram como um companheiro. Ele tinha alguma coisa a ver conosco, com a caminhada de um homem que não é o homem normal (digo normal entre aspas), mas que é o homem real, que se constrói, inventa a sua vida.”*

Paradoxalmente, ao mesmo tempo que, entre estudantes, “*ele era um mito que dizia coisas em que acreditávamos*” quando “*a coisa mais na crista da onda era discutir a loucura*”, conforme afirma Régis, é chamado de “*Maiquel Fúcot*” por jornalistas desavisados que o tomam por norte-americano, como nos conta, caindo de rir, Anchieta Corrêa. Já no *high society*, Foucault é acolhido como célebre intelectual europeu, convidado a uma festa em *soirée*, ocasião em que lhe é ofertada uma caneta de ouro, além de peças do artesanato mineiro.

Ouçamos novamente Anchieta Corrêa sobre como se teria dado esse encontro entre o *society* belorizontino e o filósofo: “*A presença de Foucault [...] foram muitos fotógrafos, Foucault era um grande homem, escrevera ‘História da Loucura’. A chegada dele foi trombeteada: Foucault está em Belo Horizonte! Todo mundo queria como que pegar um pedaço de gordura! Sei que no final, essa mulher consegue que se faça esta festa. Deve ser com o Adido [Cultural]*”.

Pautada de forma ambivalente, a festa incluía uma conferência sobre a obra do filósofo e a participação de intelectuais, prossegue o professor: “*Penso que a sociedade recebeu Foucault como um grande enfeite, como se fosse uma coisa interessantíssima; não saber quem era Foucault te diminuía. Vinham a mim e ao Célio convites para Foucault jantar [...]. Uma senhora da alta sociedade com muitas ligações resolve reunir e fazer uma festa para Foucault. Haveria uma exposição, Moacir Laterza ia apresentar slides, Las Niñas, falar sobre o que Foucault fez [...]. Lá fomos nós, eu, Célio Garcia e Foucault. Foucault tinha um mal-estar muito grande, aquelas mulheres chatas que vinham falar com ele num francês horroroso [...] o problema não era o francês [...] aquela coisa chata, aquela reverência, aquele beija-mão enjoado e o deslumbramento que o pessoal tinha. Foucault deve ter sacado que o deslumbramento era mais com o quadro de Velasquez e que não tinha nada com ele! (risos). E virou as costas para aquela projeção [...] [Ela] estava oferecendo Foucault: - Olha aqui o meu biju! Ela não compreendia que Foucault estava dizendo não, não é este espaço [...]*”.

Para decepção geral, Foucault sai antes que a festa termine, acompanhado, ainda segundo José de Anchieta Corrêa, de seu recém-chegado namorado canadense, que ele recebe de modo afetuoso. Impacto entre os presentes: “*Era um sabido que não podia ser dito, só sussurrado [...] que ficava entre o mal dito e o maldito*”, acrescenta.

De acordo com o professor, no dia seguinte, na mais prestigiosa coluna social da cidade, Wilson Frade referiu-se a Foucault como um intelectual grosseiro, que, na festa em sua homenagem, permanecera de costas, em conversas somente com os acadêmicos. Sequer houve, diz ainda o entrevistado, menção à homossexualidade. Tratava-se de uma censura que se censurava até quando pretendia falar mal de alguém [...].

Interessamo-nos em obter o recorte da coluna social citada, que Anchieta Corrêa assegurava possuir, mas estaria perdido em meio à sua imensa biblioteca, naquela ocasião em fase de organização. Voltamos a insistir tempos depois da entrevista; a despeito da gentileza com que novamente nos acolheu, o professor não conseguiu localizá-lo. Num momento em que diversas visitas infrutíferas aos arquivos do *Estado de Minas* e à Biblioteca Pública já nos faziam quase desistir – seria a lembrança da coluna social mais uma preciosa (in)fidelidade da memória? –, finalmente encontramos a matéria. Não fora Wilson Frade o responsável, mas Mário Fontana, também colunista social. O texto, de 31/5/73, publicado no *Diário de Minas*, coluna “Aqui, Mário Fontana”, em parte transcrito a seguir – contrariando nossa intenção de separar, no presente artigo, ditos e escritos –, dispensa comentários:

Recepção a Monsieur Foucault, o filósofo

DEMONSTRANDO UMA INSTABILIDADE EMOCIONAL bastante perceptível, bem ao contrário do que o leigo pensa do filósofo, o intelectual francês Michel Foucault [...] ora ficava de mau humor, ora demonstrava cansaço, ora punha-se a sorrir ou a conversar animadamente, enfim tomava uma série de atitudes que acabou desconcertando um pouco o selecionado grupo de psiquiatras, professores universitários, jornalistas e gente de sociedade que esteve presente à simpática recepção que Jacy e Consuelo Vieira do Prado ofereceram anteontem ao filósofo [...]. – – FOUCAULT, trajando roupa considerada de muito mau gosto (filósofo certamente não liga para essas coisas), uma camisa colorida listrada e um paletó idem, sem gravata, chegou acompanhado de um secretário-ajudante de ordens francês (que entrou violentamente nas batidas, uma das bebidas lá servidas) e do psiquiatra Célio Garcia [...]. – – LOGO DE INÍCIO, ALEGANDO estar fatigado, se refestelou em uma poltrona onde ficou durante todo tempo da recepção, conversando com o psiquiatra Ruy Flores²⁰ e com o jovem professor Anchieta, sem dar maior bola para os demais convidados. – – O ENCONTRO COMEÇOU ÀS 20 HORAS e duas horas depois Foucault, alegando mais uma

²⁰ Tampouco Ruy Flores, hoje falecido, era psiquiatra, mas psicólogo.

vez cansaço se retirou, sem querer ver o audio-visual que o professor Moacir Laterza havia preparado para contestar a sua tese contra a psiquiatria. [...].

Não satisfeito, no dia seguinte, na mesma coluna, sob a chamada “Foucault, um rapaz mal educado”, Mário Fontana volta a oferecer aos leitores um registro minucioso de seu *exame* do filósofo:

O FILÓSOFO FRANCÊS Michel Foucault [...] é, realmente, um sujeito de um temperamento danado de instável, como revelamos ontem para você, após termos observado sua conduta no coq que o casal Jacy Vieira do Prado lhe ofereceu. – ANTEONTEM NA CONFERÊNCIA que pronunciou no hospital “André Luiz”, criou caso em cima de caso, trocando três vezes de local no momento de iniciar seus debates com os estudantes sobre a “loucura”. [...] – NO FINAL, DISSE QUE ESSE MUNDO é um hospital onde todo mundo gosta de exercer um poder qualquer.[...].

Temporalidades minoritárias

A História eventualmente pesa como um fardo (NIETZSCHE, 2005). Mal algo da (des)ordem do novo se anuncia, apressa-se o historiador (inclusive quando aprendiz) em dizer: “Precisamos historicizar isso!” – no sentido de *crono-metrá-lo*. Se historiador positivista, quaisquer discontinuidades, falhas ou fissuras na sequência (especializada) do tempo lhe parecem impensáveis. Se historiador social, embora as possa (e até mesmo queira) acolher e conquanto as considere, inclusive, instrumentos de produção historiográfica, suas séries documentais redundam, quase sempre, em severos presentes-contexto rigorosamente encadeados e, a cada um deles, a soberania do atualizado se faz notar – tempo como *Cronos*, em suma.

Desses inconvenientes, nosso texto não está livre. Os anos da ditadura militar, a situação da Universidade em tal regime, a rigidez na apreciação dos paradigmas teórico-políticos então defendidos (como armas da revolução) ou atacados (como muralhas da resignação), o papel desempenhado naquele momento pela grande imprensa, a indústria da loucura e da cura à época florescente etc. transparecem nas páginas anteriores, particularmente mediante as fontes escritas

coletadas. No entanto, algo sempre escapa a essa razão histórica “quase-clássica”, diríamos, trazendo à luz sentidos outros para o tempo²¹.

Kairós, termo que designa, para a antiguidade grega, o tempo oportuno, o bom momento para decidir e agir, por vezes se descortina via entusiasmos (des)medidos pelo “efeito-Foucault” e seus intransigentes prolongamentos; *Aión*, que para a mesma antiguidade remete ao tempo indefinido, ao jorro imanente do próprio tempo, eventualmente resplandece em uma virtualidade-Foucault, em um Foucault-devir, em uma intempestividade-Foucault que, embora passado cronológico recaído-recolhido na história-fardo dos estados de coisas, a cada instante pode atualizar-se diferentemente e forjar novas partições entre passado e futuro.

Acerca de uma desejável coincidência entre *Kairós* e *Aión*, Deleuze (1992) mostra-se enfático ao longo de uma conversa com Toni Negri:

Pode-se, com efeito, falar de processos de subjetivação quando se consideram as diversas maneiras pelas quais os indivíduos e as coletividades se constituem como sujeitos; tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde. [...] Mais do que de processos de subjetivação, se poderia falar principalmente de novos tipos de acontecimentos: acontecimentos que não se explicam pelos estados de coisas que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar (p. 217-218).

No desenrolar de nosso escrito, cabe perguntar se a História Oral estaria singularmente voltada a evitar a submissão aos modos homogeneizantes de *Cronos*, a contra-efetuar seu próprio tempo, dotando-o, via *Kairós* e *Aión*, da potência dos começos efetivos. Diríamos que não há garantias quanto a isso, não obstante muitos dos relatos de nossos entrevistados possam sugeri-lo. Pois “o que faz a história oral diferente” (PORTELLI, 1991²²) – a oralidade enquanto tal, a narratividade, o sentido, a credibilidade absoluta do dizer, a artificialidade, a variação, a parcialidade, o

²¹ Seria difícil expressar o quanto essas considerações finais sobre o tempo devem a Pélibart, 1998.

²² Artigo-acontecimento, “What makes Oral History different” foi originalmente publicado, em italiano, em 1979. A singularização do procedimento, exposta nesse trabalho, promoveu radical inflexão nos modos até então positivistas e/ou meramente populistas de sua utilização, dotando-o de caráter ético-político insubstituível.

dialogismo – não está livre de ser submetido a formas rigidamente codificadas, serializadas e apaziguadoras, por mais que frequentemente (e às vezes piedosamente) se alegue, ao trabalhar com fontes orais, estar “dando voz” aos envolvidos nos processos em pauta e, com isso, rompendo em definitivo com as narrativas oniscientes-esterilizantes²³.

No entanto, se não há garantias, tampouco se há de admitir eternidades e/ou destinos para a História (e a História Oral). No momento em que se comemoram “50 anos de *História da Loucura*”, o artigo que agora se encerra constitui uma tentativa de, sem intenções hagiográficas, deixar-se afetar – propondo-o também ao leitor – por efeitos e ressonâncias da breve (segundo *Cronos*) passagem de Foucault por Belo Horizonte em 1973. Presença foucaultiana em parte recaída na História, sem dúvida; porém, esperamos, também e ainda capaz de “inventar para nós novas formas de viver, de subjetivar-nos, de insubordinar-nos, afirmando assim o nosso próprio e demiúrgico esplendor” (PÉLBART, 1993, p. 86).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da História Oral. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007. Cap. 2, p. 229-234.

ARREGUY, Clara. **Fafich**. Belo Horizonte: Conceito, 2005.

ARTIÈRES, Philippe. Parler. In: ARTIÈRES, Philippe; POTTE-BONNEVILLE, Mathieu. **D’après Foucault. Gestes, lutes, programmes**. Paris: Les prairies ordinaires, 2007. p. 79-92.

CORRÊA, José de Anchieta. Prefácio. In: PASSOS, Izabel Friche; BELO, Fabio (orgs.). **Na companhia de Foucault: 20 anos de ausência**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004. p. 9-14.

DEFERT, Daniel; EWALD, François (orgs.). **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994. 4 v.

²³ Para uma apreciação crítica desse ‘modo de usar’ a História Oral, consultar Albuquerque Jr., 2007.

DEFERT, Daniel. Cronologia. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos 1. Problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 1-70.

DELEUZE, Gilles. Controle e devir. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 209-218.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/faced/tomaz/abc1.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2003.

DESCOMBES, Vincent. **Le même et l'autre: quarante-cinq ans de philosophie française (1933-1978)**. Paris: Minuit, 1979.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault: uma biografia**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FONTANA, Mário. Aqui, Mário Fontana. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 31 maio 1973. p.11.

FONTANA, Mário. Aqui, Mário Fontana. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 1 jun. 1973. p.11.

FOUCAULT, Michel. Foucault, o filósofo, está falando. Pense. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 maio 1973. p. 5.

FOUCAULT, Michel. O mundo é um grande hospício. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 31 maio 1973. p.6.

FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. VII-VIII.

FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979a. p.113-128.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979b. p.1-14.

FOUCAULT, Michel. Sobre a prisão. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979c. p.129-143.

FOUCAULT, Michel. O mundo é um grande hospício. **Extensão**, Belo Horizonte: Pró-reitoria de Extensão da PUC-MG, v.2, n.1, p. 88-90, fev. 1992a.

FOUCAULT, Michel. Palestra (francês). **Extensão**, Belo Horizonte: Pró-reitoria de Extensão da PUC-MG, v. 2, n.1, p. 63-70, fev. 1992b.

FOUCAULT, Michel. Palestra (português). **Extensão**, Belo Horizonte: Pró-reitoria de Extensão da PUC-MG, v. 2, n.1, p. 71-77, fev. 1992c.

FOUCAULT, Michel. O mundo é um grande hospício (Le monde est un grand asile). In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (orgs.). **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994. v. 2, p. 433-434.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Resumo do curso. In: FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 439-453.

FOUCAULT, Michel. Histoire de la folie et antipsychiatrie. In: ARTIÈRES, Philippe et al. (orgs.). **Cahiers de L'Herne – Foucault**. Paris: Éditions de L'Herne, 2011. p. 95-102.

FRADE, Wilson. Notas de um repórter. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 31 maio 1973, Segunda Seção, p. 3.

GARCIA, Célio. Foucault e a antipsiquiatria. **Extensão**, Belo Horizonte: Pró-reitoria de Extensão da PUC-MG, v. 2, n.1, p. 53-56, fev. 1992.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HANDKE, Peter. **A Repetição**. São Paulo: Rocco, 1994.

LOURAU, René. **René Lourau na UERJ. Análise institucional e prática de pesquisa**. Rio de Janeiro: NAPE-UERJ, 1993.

MACEY, David. **The lives of Michel Foucault**. New York: Vintage Books, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações intempestivas sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre História**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p. 67-178.

PASSOS, Izabel Friche; BELO, Fabio (orgs.). **Na companhia de Foucault: 20 anos de ausência**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004.

PÉLBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1998.

PÉLBART, Peter Pál. O anjo de Swedenborg. In: PÉLBART, Peter Pál. **A nau do tempo rei**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 71-86.

PORTELLI, Alessandro. What makes Oral History different. In: PORTELLI, Alessandro. **The death of Luigi Trastulli and other stories**. New York: State University of New York Press, 1991. p. 45-58.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História 15. Ética e História Oral**. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, abr. 1997. p. 13-49.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo: Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, v.7, n. 1-2, p. 67-82, out.1995.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Um (bom?) departamento francês de ultramar. Michel Foucault no Brasil, 1965. **Mnemosine**. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 186-203, dez. 2010.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil. Esboços de história do presente. **Verve – revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária**, São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 19, p. 93-114, 2011.

Entrevistas

José de Anchieta Corrêa, realizada em 15 fev. 2010, por Adriana Maria Brandão Penzim.

Marco Contigli, realizada em 17 fev. 2010, por Adriana Maria Brandão Penzim.

Reginaldo Teixeira Coelho, realizada em 24 mar. 2010, por Adriana Maria Brandão Penzim.

ABSTRACT

The following work, part of the investigation *Michel Foucault in Brazil: presence, outcomes and resonances*, aims to explore, through the existing bibliography (especially biographical), other written sources and interviews under the paradigm of Oral History, the circumstances of the philosopher's visit to Belo Horizonte, between May 29th and 31st of 1973. Its main objective is to establish an audiography of Foucault amongst us, in other words, both the discursive order in which his word was submitted, and the disorder that such word eventually imprinted on the same order. Furthermore, it considers that Foucault always emphasized that the truth, instead of awaiting for our sight, has its own geography and chronology. The informal speeches at the *Aliança Francesa* and the class ministered at the *Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas* (FAFICH-UFMG), as well as the conferences at *Clínica André Luís* and *Casa de Saúde Santa Clara* are focused. Especially emphasized is the press relations: Foucault's presence occurred during the Brazilian military dictatorship and, at the time, he developed a critical analysis of this activity – being either the bourgeois or the allegedly left wing press –, at the same time that he saw in philosophy itself a form of radical journalism. Ought to be added that the recourse to Oral History – interviews with people who met the philosopher in 1973 – aims at exploring memories about the character-Foucault and his ideas, in a search for the

instituted (memorable and commemorated) as much as for the unexpected narratives that contribute to new lines of investigation.

KEYWORDS: Foucault, Belo Horizonte, Oral History, press, memories, temporalities.